

Por que Lilián Celiberti e Universindo Rodríguez foram sequestrados?

Resistência uruguaia em Porto Alegre no final da década de 1970.

Ramiro Reis

Resumo: O presente artigo visa analisar as principais atividades dos cidadãos uruguaios Lilián Celiberti e Universindo Rodríguez, militantes do *Partido por la Victoria del Pueblo* (PVP), que tentaram estabelecer resistência à ditadura de seu país a partir do exílio em Porto Alegre. Por isso foram sequestrados juntamente com os filhos menores dela, Camilo (7anos) e Francesca (3anos), no dia 12 de novembro de 1978. Tal ação foi executada por um comando repressivo armado bi-nacional sob cobertura da Operação Condor.

Palavras-chave: Resistência uruguaia. Lilián Celiberti. Universindo Rodríguez. Porto Alegre. Década de 1970.

Abstract: This article aims to analyze the main activities of Uruguayan citizens Lilián Celiberti and Universindo Rodríguez, militants of the *Partido por la Victoria del Pueblo* (PVP), which tried to establish resistance to the dictatorship of his country from exile in Porto Alegre. So were kidnapped along with her children, Camilo (7years) and Francesca (3years) on November 12, 1978. This action was performed by a command repressive armed bi-national coverage under the so-called Operation Condor.

Keywords: Resistance Uruguayan. Lilián Celiberti. Universindo Rodríguez. Porto Alegre. The 1970s.

Introdução

No final da década de 1970, grupos de cidadãos uruguaios, opositores do regime militar vigente em seu país, tentaram estabelecer núcleos de resistência a partir do exílio brasileiro no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Esses uruguaios eram na sua maioria, militantes do *Partido por la Victoria del Pueblo* (PVP) que após uma grande onda de repressão na Argentina em 1976 e um processo de autocrítica em Paris em 1977, retornaram a atividade de resistência á ditadura uruguaia no exílio brasileiro.

Dentre esses, destaque para Universindo Rodríguez Díaz (27 anos) e Lilián Celiberti Casariego (29 anos) que, com os filhos menores dela, Camilo (7anos) e Francesca (3anos), foram protagonistas do emblemático sequestro político binacional¹ ocorrido em 12 de novembro de 1978, na cidade de Porto Alegre. Tal ação de sequestro de quatro cidadãos uruguaios na capital do Rio Grande do Sul foi uma típica ação repressiva coordenada sob a cobertura da Operação Condor². Os motivos que levaram a coordenação da conexão entre

¹Realizada por militares uruguaios da Companhia de Contra-Informações do exército e policiais secretos do Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (DOPS/RS).

²A Operação Condor consistiu em um mecanismo de conexão repressiva regional, clandestino e terrorista, entre as comunidades de informações das ditaduras do Cone Sul da América Latina entre os anos 70 e 80. A mesma foi formalizada em 1975 no intuito de monitorar, perseguir e executar opositores políticos que estavam refugiados em outros países e engajados na ação política de denúncia realizada desde o exílio. Para tanto, sofisticados métodos repressivos como: tortura, sequestros, execuções e o desaparecimento das vítimas,

os comandos repressivos do Brasil e do Uruguai a efetuarem tal sequestro, conhecido como “*sequestro dos uruguaios*” ou ainda, “*caso Lilián-Universindo*”, serão os objetos de análise desse artigo.

A justificativa para essa pesquisa está no fato de que, já que se sabe bastante sobre o sequestro em si³, ainda falta resgatar a memória da resistência desses obstinados cidadãos uruguaios que ousaram derrubar a ditadura terrorista que vigorava em seu país. Até porque, conforme afirma o próprio Universindo Rodríguez (2008):

Sin duda porque la cuestión de la memoria y de la historia reciente cobran una dimensión ética en tanto ponen en el tapete la violencia represiva, los secuestros, la muerte, la tortura, la cárcel, las desapariciones, los exilios, producto de los gobiernos autoritarios y de la dictadura, y también ponen sobre la mesa, la resistencia, la lucha, la entrega, la solidaridad.⁴

Sendo assim, a memória da resistência é fundamental para reconstituir os anseios, projetos e utopias de uma geração inteira que teve que viver no duro contexto das ditaduras de Segurança Nacional no Cone Sul da América Latina nos anos 60, 70 e 80. Portanto, o viés será deslocado da questão da extrema e sistemática violência perpetuada pelo Estado, para a luta política de combate e oposição às ditaduras e ao terrorismo estatal, visando à construção do socialismo. “E, nesse sentido, encarar aqueles que foram presos, banidos, torturados e mortos não apenas como vítimas, mas também como combatentes políticos com projetos definidos. No caso, com o projeto da revolução⁵.”

Por que Lilián e Universindo foram sequestrados? Segundo as Forças Conjuntas Uruguaias:

A justificativa pra detenção de Lilián Celiberti e Universindo Rodríguez foi dada oficialmente pelas Forças Conjuntas através dos comunicados nº1400 (25/11/1978) e nº1401 (01/12/1978). Esse procedimento não era nem um pouco usual em casos como o de Porto Alegre, já que as forças armadas e os serviços secretos de inteligência agiam na total

foram utilizados para desarticular grupos de exilados que continuavam a se opor aos regimes autoritários de seus países de origem.

³Sobre o sequestro dos uruguaios ver: CUNHA, Luiz Cláudio. *Operação Condor. O Sequestro dos Uruguaios. Uma reportagem dos tempos da ditadura*. Porto Alegre: L&PM, 2008. E: FERRI, Omar. *Sequestro no cone sul. O caso Lilián e Universindo*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981.

⁴ p.2.

⁵ARAÚJO, Maria. FICO, Carlos. Paula. FERREIRA, Marcio Moreira. QUADRAT, Samantha Viz. (orgs.) *Ditadura e Democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.p.248.

clandestinidade para garantir a impunidade. Contudo, como a operação bi-nacional que culminou no sequestro de quatro cidadãos uruguaios fracassou com o inesperado testemunho de jornalistas⁶, o comando repressivo teve que “*blanquear*” a situação, ou seja, apesar de não assumir o sequestro teve que dar uma satisfação para opinião pública internacional. Para tanto, elaboraram dois comunicados oficiais que tinham como conteúdo os motivos para detenção dos uruguaios na fronteira e a devolução dos filhos de Celiberti para o avô. Entretanto, os mesmos foram desmentidos pelas investigações da imprensa brasileira e pelo testemunho do soldado desertor Hugo Walter Garcia Rivas que havia participado diretamente da ação cujo nome codificado era *Operación Zapato Roto*.

Conforme o Comunicado de nº 1400, da Oficina de Imprensa das Forças Conjuntas uruguaias, de 25 de novembro de 1978:

“[...] Universindo RODRIGUEZ DIAZ y Liliana CELIBERTI ROSAS DE CASARIEGO y dos hijos menores de edad de ésta última, habrían desaparecido de la ciudad de Porto Alegre, se pone en conocimiento de la población: que los mismos fueron detenidos por las Fuerzas Conjuntas al penetrar a territorio uruguayo, hallándose en su poder material sedicioso, que ratifica las informaciones que se poseían sobre sus actividades en varios países, integrando una vasta organización internacional marxista.⁷[...]”

Para se compreender no que consistia esse “*material sedicioso*” e como operava essa “*vasta organización internacional marxista*” utilizaremos como fontes, além dos próprios comunicados, os depoimentos de alguns dos principais protagonistas do *caso Lilián-Universindo*. Destaque para as entrevistas de Jair Krischke, que era o presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH), do advogado dos uruguaios, Omar Ferri, e, sobretudo, de Universindo Rodríguez Díaz. Além desses importantes depoimentos

⁶O comando repressivo armou uma *ratonera* para sequestrar outros integrantes do PVP. No dia 17/11/1978, às 17 horas, ao invés de uruguaios, companheiros do partido, chegaram ao apartamento de Lilián e Universindo, na Rua Botafogo, os jornalistas Luiz Cláudio Cunha (Revista *Veja*) e João Batista Scalco (fotógrafo da revista *Placar*), contatados por um telefonema anônimo que depois se saberia ser do próprio Hugo Cores, secretário geral do partido e principal “requerido” da Operação.

⁷Trecho do COMUNICADO Nº 1.400. DA OFICINA DE PRENSA DE LAS FUERZAS CONJUNTAS DRECETO Nº 393/973. Montevideú, 25 de Novembro de 1978.

orais, também utilizaremos documentários⁸ e programas de televisão⁹ já que essa multiplicidade de fontes é uma vantagem que não deve ser desperdiçada pelo historiador preocupado com as questões do tempo presente.

Entretanto antes de analisarmos a resistência dos uruguaios em Porto Alegre no final da década de 70, devemos saber quem eram afinal, Lilián Celiberti e Universindo Rodríguez Díaz.

Dois jovens revolucionários entre a prisão e o exílio: militância entre golpes de Estado.

Para entendermos como se deu o processo de formação política de Lilián e Universindo devemos, em primeiro lugar, compreender o contexto dos anos 1960 e 1970 no Cone Sul. Esta era uma época de muita militância política e social não só no Uruguai, mas em toda a América Latina. Eram tempos de muito entusiasmo, muita luta e muita esperança de transformações na região, sobretudo depois da Revolução Cubana em 1959. No bojo da Guerra Fria, para as esquerdas eram tempos de Che Guevara, do *Hombre Nuevo*, da nova canção popular latino-americana com Daniel Viglietti, Victor Jara e Geraldo Vandré. Eram tempos das guerrilhas urbanas ou rurais e de estudantes nas ruas em manifestações pacíficas. Então, nesse contexto de ação e utopia revolucionária que Celiberti e Rodríguez viveram como tantos outros latino-americanos que passaram suas juventudes sonhando e lutando contra o autoritarismo que vinha em uma espiral crescente no Uruguai e nos países vizinhos. Sendo assim, esses jovens viveram entre a prisão e o exílio em uma região marcada por sucessivos golpes civis militares.

Lilián Celiberti

Em meados da década de 1960 o Uruguai já não era mais considerado a “Suíça da América Latina”, pois a crise econômica afetou drasticamente o setor de exportação de carne e de lã depois da segunda guerra mundial. Nesse contexto, foi espalhando se por todo o país oriental, uma série de manifestações espontâneas da juventude reivindicando melhorias sociais. No ano de 1966, os estudantes convocaram uma manifestação e a jovem

⁸ *Y cuando sea grande*. César Charlone, Brasil, 1980. *Cone Sul*. João Guilherme Reis e Silva, Brasil, 1985.

⁹ Em 2008 foi exibida uma série de programas especiais, reportagens e entrevistas de Lilián e Universindo em decorrência dos 30 anos do *Sequestro dos Uruguaios* no Uruguai e, sobretudo, no Brasil. As utilizadas nesse trabalho foram: Entrevista de Lilián e Universindo para o canal 5-TV estatal uruguaia. (17/11/2008). Entrevista: *Frente a Frente*. TVE – canal 7 canal estatal brasileiro.

Lilián Celiberti de apenas 16 anos, membro da *Asociación de Estudiantes de Magisterio* conhecida como “*Lista 3*”, participou ativamente. Era uma das primeiras manifestações de rua da estudante do magistério. Em meio ao ato, um policial bateu na cabeça de uma companheira de Lilián que, ao ver o sangue da colega, começou a falar em praça pública palavras veementes contra a repressão como se fosse uma verdadeira dirigente. Esse fato inusitado surpreendeu não só aos manifestantes como a própria Celiberti que era muito tímida e não sabe de onde tirou coragem para tal atitude. O fato é que a indignação movia a jovem estudante a lutar contra as injustiças desde sua adolescência em Montevideu. *La historia de Lilián Celiberti se confunde con la de otros jóvenes maestros de su generación que, como ella, tenían 18 o 20 años cuando la crisis de la sociedad uruguaya estalló con toda su fuerza*¹⁰.

A partir do conturbado ano de 1968 em diante, a jovem professora foi uma das principais agitadoras da organização anarquista de bases *Resistencia Obrero Estudiantil (ROE)*. A ROE que operava sob a frase insígnia, “*Arriba los que luchan*”¹¹, era uma dinâmica organização de massas libertária que nucleava o movimento sindical, o estudantil e as associações de bairros. Foi nessa intensa militância no setor estudantil da ROE que Lilián conheceu Hugo de Casariego, um grande orador com quem ela teria dois filhos.

Em 1972, Celiberti foi presa e torturada e no ano seguinte processada por “*asistencia a los asociados subversivos*”, cumprindo sua primeira pena no presídio feminino de *Punta Rieles* até maio de 1974 (a segunda seria depois de seu sequestro em 1978) quando se exilou em Milão junto com seu marido Hugo e seu filho Camilo nascido em 1971. Na Itália, ela teve sua segunda filha, Francesca em 1975.

Em sua intensa militância, Lilián Celiberti foi amiga e companheira de muita gente que foi desaparecida pelos órgãos de repressão como: a estudante Telba Petronila Juarez, assassinada em Buenos Aires em 1976; do professor Gustavo Inzalraude sequestrado no Paraguai em 1977 e desaparecido; da professora Elena Quinteros sequestrada em Montevideu em 1976 e desaparecida; de Sara Rita Méndez e Maria Emilia Islas de

¹⁰COMPañERO, 18 de dezembro de 1978.p.15.

¹¹“Que de alguna manera expresa el sentido de una organización con mucho dinamismo y pocas definiciones. Años después y ya en el tramo final de la lucha contra la dictadura, el “Arriba los que luchan” se transformó en una consigna pintada en muros y carteleras, coreadas en las manifestaciones populares por todo Uruguay por miles y miles de personas, que poço o nada sabían de su origen.” RODRÍGUEZ, Universindo. JUNG, María Eugenia. Juan Carlos Mechoso Anarquista. Mantevideo: Edi. Trilce, 2006.p.67.

Zaffaroni, sequestradas junto com seus filhos na Argentina em 1976, a última segue desaparecida¹², dentre vários outros.

Universindo Rodríguez (Yano)

O jovem Universindo Rodríguez Díaz ou *Yano* como é conhecido desde pequeno, mudou-se de Artigas, no norte do Uruguai, para Montevidéu em 1970. Em *Bella Unión*, onde trabalhava seu pai, foi onde surgiu e se destacou um sindicato chamado *Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas* (UTAA) que realizava marchas e ocupações de latifúndios sob a liderança do assessor jurídico e procurador Raúl Sendic. Foi do noroeste açucareiro do Uruguai que surgiu a base social do *Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros* (MLN-T), importante guerrilha urbana na década de 60.

Oriundo de uma família de trabalhadores, *Yano* tinha 19 anos quando ingressou na faculdade de medicina, pois segundo ele, seu pai apesar de não ter estudo apostava na educação dos filhos. Esse privilégio de estudar mesmo sendo de família popular, era uma preocupação do seu pai, Universindo Rodríguez García, que era um homem progressista e acreditava na instrução como forma de ascensão social. Sendo assim, da numerosa família Rodríguez Díaz de sete irmãos, poucos foram os que não se formaram na universidade federal.

O contexto de chegada de Universindo a Montevidéu foi marcado por muita agitação estudantil, política e social. Era a época de muitos confrontos com o governo conservador e autoritário do ex-pugilista Jorge Pacheco Areco e suas “*Medidas de Pronta Seguridad*”. Nesse ano também se dá o surgimento da *Frente Amplia* que era a coligação de vários partidos de esquerda que ano posterior perderiam as eleições fraudulentas para Juan Maria Bordabery que mais tarde daria um golpe de Estado no Uruguai. Era também a época do auge das ações extraordinárias do MLN e da guerrilha urbana anarquista *Organización Popular Revolucionária -33 Orientales* (OPR- 33).

Na universidade, o estudante *Yano* desenvolveu muita atividade no grêmio estudantil na *Asociación de Estudiantes de Medicina* que fazia parte da *Federación de Estudiantes Universtarios del Uruguay* (FEUU). A FEUU era uma combativa central estudantil que desde 1929 desenvolvia uma intensa atividade de coordenação com os

¹²COMPañERO, 18 de dezembro de 1978,p.15.

trabalhadores. Segundo Rodríguez, o Uruguai tem uma peculiaridade sobre a América latina, pois tudo se faz em torno de processo de unidade, por exemplo, a FEUU que segue funcionando nos dias de hoje, sempre desenvolveu uma luta muito próxima dos trabalhadores, ou ainda, o movimento sindical que se desenvolveu num processo de unificação em 1966 com a *Convención Nacional del Trabajadores (CNT)*¹³, que é uma central única nacional sindical, independente de esquerda, classista e solidária, além da própria unificação política em 1971 com a formação da *Frente Amplia* que unia a maioria dos grupos de esquerda.

Nessa conturbada conjuntura, *Yano* desenvolveu uma intensa militância até o golpe de Estado de Bordaberry em 27 de junho de 1973. A reação das forças populares com uma greve geral de 15 dias não foi suficiente para derrotar a famigerada ditadura civil-militar instaurada no país. Por isso, em meio a tantas dificuldades o jovem estudante marchou para o exílio no ano de 1975 como centenas de outros compatriotas que por motivos de trabalho ou políticos deixaram o Uruguai. Sob amparo do *Alto Comisionado de la Naciones Unidas para los Refugiados (ACNUR)*, Universindo se exilou na Argentina e participou do congresso de fundação do *Partido por la Victoria del Pueblo (PVP)* em 1975 em Buenos Aires. Com o golpe civil militar de Videla em 24 de março de 1976 e a posterior onda de brutal repressão contra os argentinos e exilados, *Yano* marchou para Suécia no ano de 1977. Como era membro do ACNUR foi oferecido ao jovem estudante uma bolsa integral concedida pelo governo sueco para que terminasse o curso de medicina. Entretanto, Universindo Rodríguez agradeceu o convite mas recusou-o pois, preferiu continuar na luta contra a opressão no Uruguai.

No ano de 1978 ele veio para Porto Alegre junto com Lilián Celiberti para estabelecer um núcleo de resistência á ditadura uruguaia a partir do exílio brasileiro. Nessa época, ambos faziam parte do PVP, conhecido pelas forças conjuntas uruguaias como uma “*vasta organización internacional marxista*”.

¹³Sobre o movimento sindical uruguaio ver: RODRÍGUEZ, Universindo. Et. all. *El Sindicalismo Uruguayo a 40 años del congreso de unificación*. Montevideo: Taurus, 2006.

Partido por la Victoria del Pueblo: A “Vasta Organización Internacional Marxista”

O *Partido por la Victoria del Pueblo* (PVP) era um pequeno, porém importante partido crítico e independente de esquerda, fundado em julho de 1975, em Buenos Aires, por uruguaios exilados ou clandestinos, oriundos de grupos de orientação libertária como a *Organización Popular Revolucionaria 33 Orientales* (OPR-33), braço armado da *Federación Anarquista Uruguaya* (FAU) e a organização de bases, *Resistencia Obrero Estudiantil del Uruguay* (ROE). Para Universindo Rodríguez, a grande importância do PVP naquela época foi que o partido conseguiu nuclear muita gente vinculada ao movimento sindical, estudantil, além de intelectuais que saíram prestigiados, mesmo com a derrota na greve geral logo após o golpe de Estado no Uruguai.

A estratégia política do partido cujas principais lideranças eram os dirigentes sindicais Gerardo Gatti, León Duarte e o intelectual marxista Hugo Cores, era, sobretudo, a denúncia internacional da ditadura instaurada no país oriental. O sindicalista gráfico Gerardo Gatti, primeiro Secretário Geral do PVP, propôs na fundação do partido, uma unificação ideológica entre anarquismo e marxismo, numa espécie de “*síntese revolucionária*”. A originalidade de tal síntese só pode ser explicada naquele contexto de auge do terrorismo estatal uruguaio, em que praticamente a única estratégia era a militância política pela denúncia das violações dos direitos humanos a partir do exílio, já que o sindicalismo estava totalmente enquadrado, a luta armada praticamente desmantelada e a imprensa censurada.

Desde o golpe civil militar, em 27 de junho de 1973, a tríade FAU, OPR-33 e ROE, base de formação do PVP recuou estrategicamente na luta devido a grande repressão das Forças Conjuntas que, ao exemplo da ditadura brasileira, passou a fazer uso sistemático da tortura na chamada *guerra suja* contra os opositores políticos concebidos como “inimigos internos”. Tal onda repressiva forçou centenas de cidadãos uruguaios a marcharem rumo ao exílio principalmente para Argentina não só pela proximidade e pelo idioma espanhol, mas, sobretudo, porque depois de 11 de setembro de 1973 no Chile, era o único país que ainda não padecia sob os coturnos militares das ditaduras de Segurança Nacional.

Então, o PVP se formou no ano de 1975 na Argentina, com recursos angariados pelo OPR -33 em um sequestro de um grande empresário quando tomam a expressiva quantia de U\$ 10 milhões de dólares. Sendo assim, a grande importância do partido naquele

momento estava na sua condição de intensa militância política, muito entusiasmo, muitos vínculos com o Uruguai e muito dinheiro para montar a infra-estrutura na Europa e no Brasil.

Fundação conspirativa em Buenos Aires (1975):

A decisão de rearticular as forças surgiu no exílio em Buenos Aires e após um processo de intenso debate interno surge o PVP, em julho de 1975, coincidentemente no mesmo ano da oficialização do Plano Condor em Santiago do Chile. O seu Congresso de fundação estava dividido em três claustros de cerca de 50 militantes encapuzados entre clandestinos e exilados que discutiam quais seriam as diretrizes do partido que ainda não seria nitidamente marxista devido a matiz libertária da maioria de seus fundadores. Dentre alguns dos principais objetivos do PVP destaque para:

Derrocar y someter a juicio del pueblo a la camarilla cívico-militar y su presidente de turno, culpables de crímenes de lesa nación, por atentar contra las libertades, la dignidad, la vida, la economía, la independencia del pueblo y de la patria; así como a los grupos económicos que apoyan a la patota en el poder y se favorecen con su política. Constituir un gobierno provisório integrado por representantes de todas las fuerzas políticas y sociales y de todos los orientales, civiles o militares, que hayan luchando contra la dictadura, que no sea una vuelta atrás ni una estafa a las legítimas aspiraciones por las que luchó el pueblo.¹⁴

Hoje, visto sob perspectiva histórica, muitos participantes criticaram o modelo altamente conspirativo da fundação do partido. Contudo, para Universindo Rodríguez que participou do congresso afirma que o mesmo foi válido apesar dos problemas. Para ele:

Es cierto que hay muchas contradicciones entre un programa tan amplio como el que se definió y el plan de aparición o las ideas de acción directa que se esbozaron, y es cierto que luego pasaron cosas muy dramáticas. Pero también hay que decir que en momentos de debacle generalizada hubo un grupo de gente organizada y decidida que apostó al cambio revolucionario y

¹⁴Fragmentos das resoluções do Congresso dos PVP, julho 1975. In: TRÍAS, Ivonne. *Hugo Cores. Pasión y rebeldía en la izquierda uruguaya*. Montevideo: Ed Trilce, 2008.p.166.

que busco dotarse de herramientas organizativas, teóricas y políticas, que hicieran posible la lucha contra la dictadura. Un montón de gente que se juzgo en las peores condiciones para lucha política y para la reflexión¹⁵.

O fato é que onda de repressão que se instaurou contra os membros do PVP na capital portenha a partir do golpe de Estado de Videla em março de 1976, foi tão violenta que seus militantes experimentaram o que tinha de mais cruel e sofisticado em termos de terrorismo estatal cooperado entre Argentina e Uruguai, como os chamados “*vuelos de la muerte*” que consistia atirar presos políticos vivos em alto mar e no Rio da Prata, ou ainda, o sequestro e apropriação de crianças pequenas ou nascidas na prisão concebidas inescrupulosamente como “*botín de guerra*”.

Até mesmo *centros clandestinos de detención* (CCD) binacionais foram utilizados em Buenos Aires, especialmente para os presos da Operação Condor. Em uma antiga oficina mecânica chamada *Automotores Orletti*, mulheres foram estupradas na frente de seus maridos. Alguns dias antes, o trabalhador gráfico e primeiro Secretário Geral do PVP, Gerardo Gatti havia sido sequestrado em 09 de junho e, depois de ser torturado em Orletti, desapareceu. Outro caso emblemático foi o sequestro da professora e amiga de Celiberti, Elena Quinteros, no dia 28 de junho de 1976 quando a mesma buscava proteção na embaixada da Venezuela em Montevideú. Mas, as ações conjuntas contra os quadros do PVP não se limitavam apenas às margens do Rio da Prata. Tais operações ocorreram também no Paraguai com o sequestro de Gustavo Inzaurrealde e Nelson Santana no dia 26 de março de 1977 e, depois, no Brasil com o sequestro em Porto Alegre em 1978.

Mesmo sofrendo todas estas atrocidades, o PVP continuou sua militância ativa a partir do exílio com quadros atuando na Europa, no Uruguai e no Brasil, sobretudo após o processo de autocrítica realizado na capital da França em 1977.

Conferência Extraordinária de autocrítica em Paris (1977):

Em novembro de 1977 os quadros do PVP na Europa se reaglutinaram em uma Conferência Extraordinária em Paris para realizarem uma “*autocritica para avanzar*”.

En un ámbito de discusión democrática, y de respeto a la organicidad y disciplina partidaria, consideramos que los ejes fundamentales que explican

¹⁵TRÍAS, Ivonne. *Hugo Cores. Pasión y rebeldía en la izquierda uruguaya*. Montevideo: Ed Trilce, 2008.p.169.

*los errores y limitaciones de nuestro trabajo en los últimos años, y en particular en el plan del año 1976*¹⁶.

No processo de autocrítica da conferência, a principal causa apontada para o fracasso na Argentina teria sido o total isolamento dos militantes cujas atividades eram totalmente clandestinas em Buenos Aires. Este caráter altamente conspirativo e clandestino do partido foi determinante para a sua derrota no exílio já que seus militantes foram duramente reprimidos e a totalidade de sua direção segue desaparecida com exceção do intelectual Hugo Cores que havia sido sequestrado na capital argentina antes de 1975 e, por isso, não havia participado da fundação.

Segundo a documentação elaborada em 1977, o PVP superestimou sua força e abriu mão de uma política de alianças com setores populares da Argentina e do Uruguai. Isso fez com que o partido ficasse totalmente isolado e acuado quando ocorreu o golpe de Estado. Sendo assim, o encaminhamento tirado na Conferência de Paris era que a estratégia de luta no retorno de alguns militantes para o Cone Sul, seria feito a partir de uma política de alianças, ou seja, tentariam estabelecer contatos com os setores de oposição política no país de exílio como no caso do Brasil que acenava para uma possibilidade de fim da ditadura. Segundo Universindo Rodríguez: “habían llegado clandestinamente, pero hicieron un esfuerzo por vivir en la legalidad. No querían repetir lo hecho en Argentina, donde se habían aislado, absorbidos por lo interno¹⁷”. Para tanto, os militantes do PVP se aproveitariam da conjuntura favorável brasileira na segunda metade da década de 1970 com a abertura e a política de “distensão”.

Contexto brasileiro do fim da década de 1970: abertura democrática, *pero no mucho*.

Como já vimos, Lilián Celiberti e Universindo Rodríguez Díaz eram membros do PVP que vieram da Itália e Suécia, designados pelo partido pra uma organizar uma campanha internacional de denúncia das sistemáticas violações dos direitos humanos em seu país que desde 1973 padecia sob o terrorismo de Estado e a ditadura de Segurança Nacional. Os uruguaios voltaram ao sul da América Latina, mas especificamente para o

¹⁶PVP. *URUGUAY Análisis y Propuestas*. Madrid: Ed.PVP, 1979.

¹⁷TRÍAS, Ivonne. *Hugo Cores. Pasión y rebeldía en la izquierda uruguaya*. Montevideo: Ed Trilce, 2008.p.222.

Brasil, na cidade de Porto Alegre, por acreditarem que o “clima” repressivo da ditadura brasileira estava mais ameno que as demais e porque era o exílio mais próximo de Montevideu para realizar a contrapropaganda revolucionária e a denúncia internacional pelos seus companheiros desaparecidos na Argentina.

O contexto brasileiro era favorável já que com o fim do “milagre”, acelerado pela crise do petróleo (1973) e a estagnação econômica geraram descontentamentos sociais que forçaram o general Ernesto Geisel a anunciar a “distensão política¹⁸”. Além disto, a mudança no discurso vindo de Washington, pelo menos na teoria, do governo Jimmy Carter, com relação ao respeito aos direitos humanos, orientou essa preocupação com uma fachada democrática do Estado de Segurança Nacional brasileiro alinhado naturalmente ao imperialismo estadunidense desde 1964. Dentre os ditadores brasileiros, o general Geisel era o mais ardiloso como chefe de Estado que provavelmente tinha lido Maquiavel e compreendido que não se pode controlar um povo somente pelo uso da força e da repressão. Por isso, o programa de abertura e distensão política segundo Alves (1984), era: “um programa atento à advertência do General Golbery de que a repressão ilimitada, na busca de uma segurança absoluta, levaria em última análise à debilitação da segurança nacional pretendida¹⁹”.

La situación política en Brasil ya no era la misma de los años previos. Era el gobierno Geisel y el aparato represivo ya no tenía el poder de antes. Desde el escándalo del asesinato del periodista Vladimir Herzog, burdamente disfarzado como suicidio, los generales Geisel y Golbery deseaban librarse del estigma de terror de los años anteriores.²⁰

Nesse sentido, a leitura que os militantes do PVP fizeram da conjuntura brasileira naquela época não estava equivocada já que a correlação de forças havia mudado em favor da luta contra a ditadura no final da década de 1970.

¹⁸“A teoria da ‘distensão’ pretendia assegurar um afrouxamento da tensão sociopolítica. Associando-a a níveis mais elevados, mas sempre controlados de participação política, os planejadores do Estado intentavam erigir mecanismos representativos elásticos que pudessem cooptar setores da oposição.” ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1984.p.185

¹⁹Idem. p186.

²⁰PAZ, Alfredo Boccia (et.al). *En los Sótanos de los Generales. Los documentos ocultos del Operativo Condor*. Assunção: Expolibro/Servilibro, 2002.p.214.

*Miguel [Universindo] expressou sua surpresa diante do grau de movimentação e liberdade que a imprensa e os sindicatos brasileiros começavam a ter naqueles dias. Para um uruguaio, clandestino e refugiado no país, o debate político no Brasil era um avanço em relação ao Uruguai*²¹.

O fim da censura aos jornais impressos foi um dos fatores mais importantes para a escolha dos uruguaiois pelo Brasil naquele momento. Para Celiberti, essa liberdade de imprensa dava melhores possibilidades para que as pessoas do Uruguai recebessem algum tipo de informação diferente daquela que recebiam da imprensa censurada ou pró-regime ditatorial. Por outro lado, a circulação de informações era mútua no sistema adotado pelo PVP, já que, segundo Omar Ferri, “os uruguaiois captavam notícias na fronteira para transmitir-las à imprensa brasileira dando a verdadeira imagem do estado de terror e do estado policial que imperava no Uruguai. Este foi o crime de Lilián e Universindo²²”.

Contudo mesmo nessa conjuntura de abertura e distensão política a *guerra suja* não havia terminado, fosse contra guerrilheiros no Araguaia (1975) ou contra operários desarmados, como na morte por tortura de Manoel Fiel Filho (1976), ela continuava vigente, porém de maneira seletiva e, cada, vez mais clandestina. Como no caso da *Operación Zapato Roto* que culminou no sequestro de Universindo, Lilián e seus filhos em Porto Alegre (1978).

Resistência uruguaia no Brasil: Distribuição do jornal *Compañero* e vínculos com a oposição brasileira em Porto Alegre (1978).

No contexto do caso *Lilián-Universindo*, ocorre o auge do terrorismo estatal no Uruguai e na Argentina, quando, praticamente, a única estratégia que restava aos opositores era a denúncia das violações dos direitos humanos a partir do exílio, já que o sindicalismo estava totalmente controlado e a luta armada desmantelada. Por isso, o PVP foi duramente reprimido e quase aniquilado após um ano de sua fundação. Após a desestruturação dos seus núcleos, o PVP tentava estabelecer um canal de contato com os companheiros do

²¹CUNHA, Luiz Cláudio. *Operação Condor. O Sequestro dos Uruguaiois. Uma reportagem dos tempos da ditadura*. Porto Alegre: L&PM, 2008, p.41.

²²Depoimento prestado no documentário *Cone Sul*.

Uruguai a partir do Brasil, como no caso de Lilián e Universindo que atuavam em Porto Alegre, com suporte de militantes na Europa.

Para tanto, Lilián Celiberti entrou legalmente no país, mas, em território brasileiro adotou o nome de Maria por segurança, já Universindo Rodríguez, ingressou em território nacional com o passaporte falso espanhol no nome de Luiz Piqueres de Miguel. Esse passaporte indicava uma viagem de turismo de um filho de um grande empresário de Barcelona. Segundo Jair Krischke, o procedimento de se viajar com passaporte falso era comum naquela época, e ele mesmo tinha cópias de seus documentos verdadeiros nos países do Cone Sul. Isso porque a documentação falsa garantia mobilidade de locomoção e segurança para sair do local em que se é perseguido, mas ao chegar ao outro país, assume-se sua identidade verdadeira.

Nesse sentido, também cabe salientar que essa postura de se assumir a identidade verdadeira adotada por Lilián e Universindo fazia parte da estratégia do PVP devido ao processo de autocrítica de 1977 em Paris, já que a situação de plena clandestinidade em Buenos Aires, trouxe prejuízos irreparáveis ao partido devido á brutal repressão que quase dizimou a totalidade de seus integrantes. Essa situação de total isolamento e desamparo frente ao restante da sociedade deveria ser rompida no Brasil. Para tanto, os uruguaios conhecidos por Maria e Luís Miguel em Porto Alegre, identificavam-se como militantes uruguaios opositores da ditadura.

Lilián e Universindo vieram para o Brasil para organizar uma campanha internacional pelos uruguaios desaparecidos na Argentina no marco de uma ação política do PVP. Eles se somariam ao Secretário Geral Hugo Cores, principal requerido da *Operación Zapato Roto*, e Herman Stefenn que operavam de São Paulo. Segundo Celiberti, naquela época ainda não se conhecia o nome da *Operação Condor*, mas, já havia muitas evidências da conexão repressiva principalmente entre os países platinos.

Como já vimos Lilián e Universindo elaboravam na capital gaúcha, um dossiê denunciando as sistemáticas violações dos direitos humanos em seu país.

Lícia Peres, na época no Movimento Feminino pela Anistia do Rio Grande do Sul, lembra que poucos dias antes de tornar-se público o sequestro dos uruguaios uma mulher com sotaque carregado havia contatado o movimento marcando um contato. Mas houve desencontro de horários; Lilián chegou

*antes do acordado e, muito nervosa, entregou um caderno cheio de informações sobre a repressão uruguaia para a dona da casa*²³.

Além disto, de Porto Alegre era distribuído o periódico oficial do partido, *Compañero* que entrava no Uruguai de modo clandestino pelas fronteiras de: Chuí/Chuy, Santana do Livramento/ Rivera, Quaraí/ Artigas, etc.

Jornal *Compañero* – O “material sedicioso” que salía cuando podía.

O jornal *Compañero*, do PVP, em sua segunda época (1978)²⁴, que era feito no Brasil, era circunscrito apenas a quatro ou cinco páginas ofício, em uma publicação bem modesta. A aparição era aproximadamente bimensal porque, como algumas velhas publicações do século XIX, “*Compañero*” “*salía cuando podía*²⁵.” Desde maio de 1978 o periódico circulava clandestinamente nas fábricas e sindicatos uruguaio e isso gerou intensa mobilização das Forças Conjuntas que prepararam uma operação de apreensão de exemplares e detenção dos quadros participantes da rede de distribuição do jornal.

Na *Compañía de Contra-informaciones del Ejército Uruguayo*, foi planejada ação que visava deter os militantes do PVP no exílio a partir da detenção de vários correligionários em Montevideu, no bairro de *Colón*. Em fins de outubro e começo de novembro de 1978 foram sequestrados: Carlos Amado Castro Acosta, Luis Alonso, Rosário Pequeto Machado, Germán Steffen, Rony Steffen, Marlene Chauquelt, Carmen Aguirre e Ana Salvo. Todos eram membros do PVP e faziam parte da rede de distribuição clandestina do jornal *Compañero*. Sob tortura, alguns deles disseram que *Maia* (Lilián) e *Lalo*²⁶(Universindo), atuavam em Porto Alegre. Mas o principal alvo da ação era o Secretário

²³PADRÓS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay...Terror de Estado e Segurança Nacional – Uruguay (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese de Doutorado. p.757.

²⁴O periódico *Compañero* foi publicado pela primeira vez na véspera do 01 de maio de 1971, como instrumento de imprensa sindical da organização de bases *Resistencia Obrero-Estudiantil* (ROE). O mesmo foi fechado no final de 1973 no ano do golpe civil militar que instaurou a ditadura de segurança Nacional no Uruguai. A segunda época de publicação do jornal foi a partir do processo de autocrítica do PVP em maio de 1978 após os duros golpes repressivos recebidos na Argentina em 1976-77. Entre 1978 e 1984 o periódico circulou de maneira irregular. Foram editados 32 números, alguns deles com complementos especiais de denúncia. COMPAÑERO. *Breve crónica de un largo esfuerzo militante*. Montevideo, 16 de maio de 1985.p. 9 e 10.

²⁵COMPAÑERO. *Breve crónica de un largo esfuerzo militante*. Montevideo, 16 de maio de 1985.p.10.

²⁶*Maia* e *Lalo* eram os codinomes de Lilián e Universindo no Uruguai. FERRI, Omar. Omar Ferri. *Secuestro no cone sul. O caso Lilián e Universindo*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981.p.219.

Geral do partido, o intelectual marxista Hugo Cores que vivia clandestinamente na maior metrópole da América Latina, São Paulo.

Em 1978, no ano do sequestro dos uruguaios em Porto Alegre, o exemplar do *Compañero* que circulava tratava especificamente da questão da anistia no Uruguai e tinha na capa as fotos de: Líber Seregni, Ivonne Trías, Jaime Pérez, Raul Sendic, Hector Rodríguez e Raúl Cariboni. Sob o título de *Amnistía* em negrito e em grandes letras abaixo das fotografias desses líderes da oposição uruguiaia que estavam presos nos terríveis cárceres uruguaios. Esse material foi apreendido no apartamento de Celiberti e Rodríguez e fazia parte do que as Forças Conjuntas chamavam de “material sedicioso”.

Vínculos com “*las fuerzas democraticas*” brasileiras:

Outra atividade importante desempenhada pelos uruguaios do PVP em Porto Alegre, era estabelecer vínculos com setores da oposição democrática brasileira como jornalistas, líderes sindicais, setores progressistas da igreja e advogados. Dentre os principais contatos na área jornalística destaque para Luiz Cláudio Cunha, chefe da sucursal da revista *Veja* no Rio Grande do Sul, que seria a principal testemunha do sequestro. Na área sindical, Lilián e Universindo fizeram contato com o presidente do sindicato dos bancários, Olívio Dutra, além de advogados engajados na causa dos direitos humanos como Omar Ferri. O Drº Ferri foi contatado de Londres pela jornalista Jan Rocha, integrante do Comitê Latino Americano pela Anistia (CLAMOR), organização ligada à Arquidiocese de São Paulo e a partir desse telefonema passou a atuar na denúncia do caso e a advogar em favor dos uruguaios.

Nesse sentido, toda essa rede de vínculos com as forças democráticas brasileiras, favorecida pela conjuntura de abertura, aliada á própria organização do PVP foram determinantes para salvar a vida de Universindo, Lilián, Camilo e Francesca.

Conhecia meus companheiros, em particular Hugo Cores, sabia do valor político que atribuíam à denúncia, a que os crimes e atrocidades da ditadura não ficassem impunes e sabia da tenacidade e exatidão deste trabalho. Havia participado na organização de todos os testemunhos e denúncias dos companheiros que tinham desaparecido na Argentina, tinha visto tecer uma rede de comunicação por todos os países e por todas as

*tribunas e estava certa de que agora também fariam isto. Podia imaginar Hugo escrevendo cartas, telefonando, contatando advogados e organizações de direitos humanos. Sabia que não estava sozinha. Que para meu partido isto era um ato político prioritário*²⁷.

Como resposta aos falaciosos comunicados oficiais 1400 e 1401 das Forças Conjuntas, no dia 18 de dezembro, o PVP publicou uma edição extra do *Compañero*, sobre o caso Lilián-Universindo. Na capa dessa edição *Especial sobre el Secuestro* havia os dizeres: *El comunicado de las FFCC desenmarcado: En Brasil, las fuerzas democráticas, la prensa, los abogados y la Iglesia denuncian el secuestro de Lilián y Universindo*, acima de uma foto de uma manifestação em favor dos uruguaios. Isso é bem significativo na medida em que “*las fuerzas democraticas*” eram justamente os setores que estabeleceram contatos com o casal uruaio, ou seja, jornalistas, advogados da OAB e setores da Igreja como o CLAMOR. Outro fator importante para a atuação desses setores democráticos em favor de Lilián e Universindo, está no fato de que mesmo sob intensa tortura o casal não delatou nenhum de seus vínculos no Brasil, no Uruguai e na Europa.

Cotidiano dos uruguaios em Porto Alegre: “*Un minuto de sol y alegría*”

A curta passagem de pouco mais de três meses, de Universindo, Lilián, Camilo e Francesca, por Porto Alegre, foi marcada, sobretudo, pela esperança de dias melhores com todo o clima de abertura democrática vivido no Brasil no final da década de 1970. Segundo Hugo Cores, o Brasil era “*un minuto de sol y alegría en la saga de amarguras que veníamos viviendo. Un minuto bien aprovechado, porque nos cargamos los pulmones del aire, de esperanza y de cercanía con los nuestros.*”²⁸

A ideia dos uruguaios era morar na capital gaúcha até que a ditadura de Segurança Nacional terminasse no seu país. Para tanto, Lilián e Universindo alugaram um apartamento na Rua Santo Antônio, próxima da Rodoviária. Depois, em setembro, os uruguaios mudaram para a Rua Botafogo, número 621, bloco 3, apartamento 110, no bairro Menino Deus. Segundo Universindo, era um bairro tranquilo, perto da Avenida Getúlio Vargas, do rio Guaíba e do Estádio Beira Rio, onde eles “iam assistir aos jogos do jogador fantástico

²⁷CELIBERTI, Lilian. GARRIDO, Lucy. *Meu Quarto, Minha Cela*. Porto Alegre: L&PM, 1989.p.28 -29.

²⁸TRÍAS, Ivonne. *Hugo Cores. Pasión y rebeldía en la izquierda uruguaya*. Montevideo: Trilce, 2008.p.223.

que era o Falcão²⁹”. A paixão pelo futebol trazida por *Yano* do Uruguai e levada junto com ele para onde fosse era compartilhada com o menino Camilo que em Porto Alegre, adotaram o Sport Club Internacional como time do coração. No Uruguai, eles eram torcedores do *Peñarol* e na Itália, Camilo torcia para o Milan. Aliás, essa ligação do garoto com o futebol foi importante para determinar o reconhecimento de seus seqüestradores, já que os advogados e jornalistas levaram a Montevideú uma série de fotografias dos jogadores do Inter e entre elas havia uma foto de Pedro Seelig e *Didi Pedalada*. Camilo reconheceu os dois que não faziam parte do seu querido colorado. “Didi”, paradoxalmente, havia sido jogador do Internacional, mas, naquele momento atuava na equipe de repressão política do DOPS.

A vida cotidiana dos uruguaios no bairro Menino Deus, em Porto Alegre era tranquila e normal, ou seja, mesmo com suas atividades revolucionárias, eles iam ao parque, ao mercado público no centro e às livrarias da cidade. Aqui é importante salientar que o dia-a-dia dos exilados opositores das ditaduras no Cone Sul mesmo com todas as dificuldades, podia era normal, ou seja, isso desmistifica a ideia estereotipada de militantes políticos profissionais e mal humorados que só pensavam na revolução. Até porque tentar viver “tranquilamente” naqueles tempos perigosos já era uma tarefa revolucionária.

Entretanto, ao mesmo tempo em que os uruguaios tentavam levar uma “vida normal”, os adultos tinham suas atividades de combate à ditadura no Uruguai. Então, enquanto Lilián passava mais tempo em casa, datilografando o dossiê de denúncias, Universindo fazia os contatos na fronteira e com os setores democráticos brasileiros.

Mas, se os contatos políticos foram feitos mesmo com pouco tempo de estadia, o mesmo não podemos dizer dos contatos pessoais. Segundo avaliação de Universindo, eles não tiveram tempo de fortalecer os vínculos com os vizinhos do bairro Menino Deus³⁰.

Considerações Finais

As atividades desenvolvidas pela dupla uruguiaia, Lilián Celiberti e Universindo Rodríguez Díaz em Porto Alegre, demonstraram ousadia, determinação e organização do seu partido. Isso pôde ser verificado logo após o sequestro quando os mecanismos de

²⁹Zero Hora Menino Deus. *Um sequestro histórico no Bairro*. 05 de fevereiro de 2009.

³⁰ Idem.

segurança e compartimentação do PVP foram acionados e os uruguaios conseguiram vencer os piores inimigos dos militantes de oposição das ditaduras de Segurança Nacional no Cone Sul: o desaparecimento e a apropriação das crianças.

O próprio conceito de resistência deve ser visto, no caso dos uruguaios, com um grau de relatividade, já que bem mais do que resistir, os uruguaios combateram incessantemente à ditadura civil-militar perpetuada em seu país desde 1973. Mesmo tendo sido presa e torturada em 1972, Celiberti seguiu na luta ao exemplo de Rodríguez que recusou uma bolsa integral para terminar a sua faculdade de medicina na Suécia em virtude da continuidade do enfrentamento político.

Por isso, hoje, após mais de três décadas do sequestro, é fundamental resgatar a memória desses militantes que abriram mão do individualismo em nome de uma causa coletiva bem maior, ou seja, abdicaram de um futuro promissor do ponto de vista pessoal, em nome da revolução social e libertária. O exemplo desses jovens que atuaram na perigosa luta contra a ditadura e o terror de Estado, tendo como armas apenas as informações e a solidariedade, segue vigente no mundo atual cada vez mais carente de utopias de transformações.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CELIBERTI, Lílian. GARRIDO, Lucy. *Meu Quarto, Minha Cela*. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- CUNHA, Luiz Cláudio. *Operação Condor. O Sequestro dos Uruguaios. Uma reportagem dos tempos da ditadura*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- FERRI, Omar. Omar Ferri. *Sequestro no cone sul. O caso Lilián e Universindo*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981.
- FICO, Carlos. ARAUJO, Maria Paula. FERREIRA, Marcio Moreira. QUADRAT, Samantha Viz. (orgs.) *Ditadura e Democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PADRÓS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay...Terror de Estado e Segurança Nacional – Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese de Doutorado.

PAZ, Alfredo Boccia (et.al). *En los Sótanos de los Generales. Los documentos ocultos del Operativo Condor*. Assunção: Expolibro/Servilibro, 2002.

PARTIDO POR LA VICTORIA DEL PUEBLO. *URUGUAY Análisis y Propuestas*. Madrid: Ed. PVP, 1979.

RODRÍGUEZ, Universindo. JUNG, María Eugenia. Juan Carlos Mechoso Anarquista. Montevideo: Edi. Trilce, 2006.

RODRÍGUEZ, Universindo. Et. all. *El Sindicalismo Uruguayo a 40 años del congreso de unificación*. Montevideo: Taurus, 2006.

TRÍAS, Ivonne. *Hugo Cores. Pasión y rebeldía en la izquierda uruguaya*. Montevideo: Ed Trilce, 2008.

Documentários:

Y cuando sea grande. Diretor: César Charlone, Brasil, 1980. 55 minutos.

Cone Sul. Diretor: Joao Guilherme Reis e Silva, Brasil, 1985. 29 minutos.